

## “TUDO O QUE ESCREVO É O FRUTO DA POSSESSÃO!” ENTREVISTA COM DEUSA D’ÁFRICA (DÉRCIA SARA FELICIANA)<sup>1</sup>



**Foto: acervo pessoal de Deusa (Facebook)**

Foi a partir dessa frase, que conheci uma escritora moçambicana, de destino literário selado, quando aos oito anos de idade, recitou um poema para o então presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, e hoje, recita ao mundo!

Evoca sua poética das entranhas, com o poder ancestral emanado do seu inconsciente, e diferente dos deuses ocidentais, que ditam poesia aos humanos, ela é divindade que escreve sem intermediários! Se faz chamar Deusa d’África.

Nascida a 5 de Julho de 1988, na Cidade de Xai-Xai, província de Gaza, em Moçambique, Dércia Sara Feliciano é o nome por trás da Deusa d’África, codnome artístico nascido a partir de uma de suas personagens, no seu romance “*Equidade no Reino Celestial*”. Deusa cujos escritos foram elogiados por Paulina Chziiane, tornar-se-ia uma mulher eleita a lutar pela africanidade, justiceira e preservadora da multiculturalidade destruída pela colonização, através de obras como *A Voz das Minhas Entranhas* (2015) e *Ao Encontro da Vida ou Da Morte* (2016).

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada pelo professor/ pesquisador Silvio Luiz Paradiso, Professor de Literaturas Africanas e Portuguesas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Pós-Doutorado em Letras/Literatura (USP) e coordenador do grupo de pesquisa LITERÁFRIKA - Literaturas Africanas, História e Pós-Colonialismo (UFRB) e gentilmente cedida para publicação na Revista África e Africanidades.

Deusa concedeu uma breve entrevista ao grupo de pesquisa LITERÁFRIKA:

**LITERÁFRIKA: Quem é Deusa d'África e quem é Dércia Sara Feliciano?**

**Deusa d'África:** Deusa d'África é uma ave que sobrevoa à atmosfera que é a arte, através das suas forças interiores constrói o vento para que a sua imaginação equilibre as suas asas e com o seu bico que cobre o órgão com que se fazem os seus pensamentos perpassa às penas para que reluzam hoje e amanhã. É tudo o que a imaginação se lhe aquiesce a ser, é a transcrição da vozeria que se ouve no escuro, é o pranto de vários outros prantos, é a mulher de várias outras mulheres da sua esfera social, é o rosto da mulher violentada, da mulher cujos cortadores de sonhos passaram a sua tesoura ou catana sobre as suas asas, é o rio que é fonte de água para o consumo e para lavar os corpos sejam vivos ou mortos e que lava a capulana que cobre o corpo. É labareda do fogo que arde adentro e com a sua língua multicolor crepita redefinindo-se em várias superfícies que o fogo pode escalar deixando a fuligem através da poesia, contos, crónicas e romance. É uma gotícula de água que escorre nas suas entranhas oriunda de chuvas e intempéries. É igualmente representada pela agência literária “Capítulo Oriental”, possui textos traduzidos para sueco, é Coordenadora Geral da Associação Cultural Xitende, é palestrante, activista cultural, promotora do projecto de direito à leitura e mentora do projecto Círculo de leitores. É colunista da revista portuguesa “Incomunidade”. É autora de obras como “A Voz das Minhas Entranhas” (poesia) editado pelo Fundac em 2014, o romance “Equidade no Reino Celestial” e “Ao Encontro da Vida ou da Morte” (poesia) pela Editora de letras em 2014. Coordenou a Antologia poética “Vozes do Hiterland” publicando escritores de Gaza e Niassa, editada pela Editora de Letras em 2014. Em 2016 foi Coordenadora para Moçambique da Antologia editada em Galiza “Galiza-Moçambique: Numa Linguagem e Numa Sinfonia” sob coordenação geral do escritor José Estevez publicando escritores de Moçambique e Galiza. Foi distinguida pelo Governo Provincial de Gaza como Personalidade do ano 2016 em reconhecimento do seu patriotismo e pela sua contribuição no desenvolvimento e promoção das artes e cultura. Foi premiada como vencedora absoluta na modalidade de poesia e foi vencedora do segundo lugar em contos nos Concursos Literários Internacionais lançados na República Federativa do Brasil por Alpas XXI em 2012. Em Março de 2017 representou Moçambique no Festival Literário de Macau; Ainda em 2017 foi antologada em “À Margem da Literatura” pela UCCLA e escreveu o hino para o festival nacional de jogos escolares e desportivos de Moçambique. Em 2018 foi antologada pelo Festival Literário de Macau “Seis em ponto, contos e outros escritos VI, traduzido em inglês “Six on the dot, short stories and other writings VI” e depois traduzido em chinês. Em Julho de 2019 participou no Festival Internacional Poetas d'Alma

em Maputo. Participou no primeiro encontro realizado em África e em Moçambique, de *Poetas del Mundo* em Outubro de 2019, como *Embaixadora do Movimento Poetas del Mundo para Gaza*. Foi antologada em Macau, no “Rio das Pérolas”, livro de poesia em 2020.

Uma parte da poesia que escrevo tem estado ao serviço da música para que seja cantada, faço crítica musical e na moda.

Já a Dércia Sara Feliciano, é jovem moçambicana, filha da senhora Clara Jossias Boane, mestre em contabilidade e auditoria e trabalha como docente universitária e contabilista.

### **LITERÁFRIKA: Percebo que Deusa tem uma grande parte em sua vida.**

#### **Por que o nome artístico Deusa?**

**Deusa d’África:** porque todo o poder de criação e procriação está assente a uma divindade, se existe Deus há que existir uma Deusa com poder de ser o que o pensamento se a oferece a ser, porque todos nós podemos ser deuses, basta que haja fé em nossos próprios desígnios....*Porque se não és capaz de amar a ti próprio não podes amar ao outro e se não és capaz de ser a divindade de ti mesmo não és capaz de crer em alguma outra coisa...Sê tu a tua própria sombra e deixe o sol transpor-se a ti e cobrir com a sua luz à tua cabeça para que o teu corpo ganhe forma às mãos do tempo, que é teu criador.* E o relógio que marca as horas que passam, é, também, por nós humanos, criado.

O nome Deusa d’África surge do trabalho de extracção de um personagem por mim criado no romance “Equidade no Reino Celestial”, uma mulher eleita a lutar pela africanidade, justiceira e preservadora da multiculturalidade destruída pela colonização; apaixonei-me pelo personagem e decidi dar vida ao mesmo. Inspirada pela poesia cosmogónica de Hesíodo e poesia épica de Homero e Virgílio indexada aos confrontos de mim mesma nos monólogos criados em introspecção à volta de “Um Homem Liquidado” de Giovanni Papini e “O Crepúsculo dos Ídolos” de Frederico Nietzsche.

### **LITERÁFRIKA: Qual sua relação com a religiosidade tradicional africana, no caso, a moçambicana?**

**Deusa D’África:** A minha religiosidade tradicional é o ditame dos desígnios por se alcançar trilhando os preceitos dispostos como degraus para chegar ao cume do que se busca. A relação que tenho com a minha religiosidade tradicional é a de complementaridade, para que eu seja uma árvore frondosa e plena complementa-me a religiosidade tradicional baseada no culto aos meus ancestrais, porque toda a honra e toda a glória provém dos meus descendentes que são meus deuses que por mim velam de dia e de noite, os que traçam o meu destino e adiam a minha morte para que cedo não venha garantindo que o seu sobrenome se mantenha vivo na terra, os que são o meu guarda-chuva nos dias de chuva para que a chuva apenas molhe o corpo, mas não molhe o espírito, e

são para-raios no dia de trovão para que nenhum raio caia sobre o meu zimbório. A religiosidade tradicional é a força com que se movem os objectos e com que uma folha levita sobre a terra; cada Homem é a medida do comprometimento com a religiosidade tradicional que é sua essência.

Sem a minha religiosidade tradicional sou uma folha seca e solta ao vento, sou a invenção do medo que escala as noites de insónias e pesadelos, sou uma estrada atravessada por camiões e viadutos, sou uma ponte destruída pela força da natureza, sou o chão de todas as amálgamas, sou um vaso seco ao lado de uma lápide vazia, sou epitáfio com letras desbotadas cuja mensagem não se pode mais ler, sou a desgraça do mundo.

A religiosidade tradicional abre as portas da luz, para que o céu seja azul aos vivos e aos mortos seja acolhedor, abre as portas do paraíso mediante as preces dos ancestrais de cada alma que por ela intercedem à Deus para que se reserve uma vaga no paraíso e haja longanimidade enquanto estiver na terra. É a força da complacência humana que anula os sortilégios e clama pela ressurreição, é a força que aquiesce aos meus ancestrais buscarem a verdade em todo o plano.

#### **LITERÁFRIKA: Percebo esse sagrado em sua obra. Sobre o que escreve e como define sua escrita?**

**Deusa D'África:** Escrevo sobre a sociedade; escrevo sobre os fenómenos naturais; escrevo cores e sons em linguagem verbal; escrevo a cor do suor de quem lavra a terra; escrevo sobre o ascendente preço do amor em bancas de bazar; escrevo sobre os véus da morte e seus anjos; escrevo sobre o calor do pão que inunda à todas as famílias, mesmo as que não podem tê-lo à mesa; escrevo sobre as munições e catanas que rasgam o corpo e o esquartejam em Cabo Delgado e sobre o fogo que incendia a tudo e a todos no centro do país; escrevo sobre a liberdade que é a arte; escrevo sobre o sorriso que desponta quando outro irmão sorri, sobre o odor do arroz numa mesa do filho de um rei que o tem conquanto numa mesa familiar não se tenha; escrevo sobre o nefando cheiro da pá de um couveiro e com quantos finados se deita ao anoitecer; escrevo sobre os mundos que há no olhar de um couveiro, se é paraíso, purgatório ou inferno de Dante Alighieri num só olhar.

De acordo com Sartre, para o homem as palavras são domésticas e para a o poeta são o estado selvagem. Assim sendo, os homens vêem a convenção utilitarista e instrumental das palavras sendo amortizáveis até ao fim da vida útil do bem incalculável numa infinitude e indeterminação, dessarte, escrevo as indeterminações da vida.

Tudo o que escrevo é fruto da possessão porque quando escrevi há anjos do bem e do mal que tomam a forma em meu corpo e ganham voz na minha escrita, o meu corpo é repositório de vários outros espíritos que buscam a vida sendo relatados de diversas formas que a escrita aquiesce.



A minha escrita é *Metamiserista*, que traduz as falas silenciadas pelos prantos que irrompem as madrugadas, traduz as desonestidades de oligarquias que fomentam as leis injustas para impor a justiça, traduz a linguagem dos objectos definidos e indefinidos pelas incertezas, traduz a miséria humana enquanto pequeno for o espírito, traduz as obscenidades dos Homens desta época, seus desatinos e incoerências. Uma escrita de luta, desconstrução, irreverência e acima de tudo, uma escrita de *intervenção social*.

**LITERÁFRIKA: Você foi elogiada por Paulina Chiziane. Além dela, há escritores ou escritoras, hoje, em Moçambique e fora, cuja produção tenha sua atenção?**

**Deusa D'África:** Risos... a Paulina é muito carinhosa e tenho recebido esse carinho de uns e outros escritores e críticos literários como Luís Cezerilo e entre outros... Há vários escritores interessantes em Moçambique, como o Mia Couto, Luís Cezerilo, Paulina Chiziane, Andes Chivangue, Dom Midó das Dores e entre outros. Contudo, tenho como referências vários outros autores que tem sido uma modelagem da minha escrita, tais como, Dante Alighieri, Juan Rulfo, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Herberto Helder, Fiana Brandão, William Faulkner, Rainer Maria Rilke, Gabriel Garcia Marques, Dostoiévski, Mário Vargas Lhosa, Alejo Carpentier, entre outros.

**LITERÁFRIKA: Você é uma escritora de muitos prêmios. O que representam os prêmios para si?**

**Deusa D'África:** Os prêmios servem para espreitar a pessoa, são um estímulo, entretanto, não podemos nos cegar aos prêmios e afogarmo-nos nas translúcidas águas do lago que reflectem a belíssima imagem de um Narciso esquecendo que beleza é jovialidade que vem e vai abruptamente, cabe a cada um saber abraçá-la para que mesmo na terceira idade se mantenha adentro. Sou perfeccionista e tenho guerras incessantes comigo própria, quando escrevo luto hoje para que o dia seja fabuloso e luto pelo amanhã para que o que vem seja ainda melhor, uma luta de auto-superação, não escrevo para ser premiada, escrevo para que o texto seja um prêmio para mim mesma.

**LITERÁFRIKA: Tem alguma crítica aos movimentos literários atuais ou aos estudos literários africanos?**

Quanto aos actuais estudos literários têm sido desenvolvido trabalhos de grande contributo, sobretudo, as universidades que tem feito variadas pesquisas para obtenção de títulos académicos. Contudo, há que compartilhar os estudos feitos como forma de fazer com que as pesquisas cumpram de forma plena com o seu papel de responder a um determinado problema e propor medidas de melhoria do ambiente que vivemos, também temos movimentos literários que realizam tertúlias literárias entre outras actividades de promoção da literatura moçambicana que são bastante profícuos para despertar a potencialidade juvenil

na escrita. Contudo, os jovens têm dinamizado a literatura moçambicana contemporânea faltando apenas quebrar-se os muros entre os mais velhos e os novatos.

**LITERÁFRIKA: Quais são seus projetos futuros no campo literário?**

**Deusa D'África:** Tenho vários projectos literários, a começar por dois livros de poesia que estão na fase final da revisão “Metamiserismo, uma nova escola literária” que é um livro escrito juntamente com o escritor Dom Midó das Dores (autor da “A Bíblia dos Pretos”) e “Cães na Estrada e Poetas na Morgue” que é meu livro de poesia. Estou, também, a escrever dois livros de poesia e um romance (já quase no fim), tenho igualmente um projecto já de algum tempo com um heterónimo (um bravo guerrilheiro) que criei e que se os deuses o anuírem irei apresentá-lo oportunamente e penso em gravar um disco com alguns poemas recitados por mim.

**LITERÁFRIKA: Poderia dividir conosco algum poema seu, que, de certa forma, represente Deusa d'África?**

**Deusa D'África:** Tenho muitos poemas, e, cada poema é um pouco de mim, mesmo que não autobiográfico, não se pode escrever sem que um pedaço de nós repouse na escrita ou sem que um fio de cabelo caia sobre o papel. Escolho

**CONFISSÃO IV**

(Aos Malditos: Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Conde de Lautréamont)

A cidade se entristecia de limpa  
entornando o sonho de ser mãe  
e parir a lixeira nas ruas  
bem como perfumar os mercados como o Limpopo.

O Limpopo emitia algazarra jurando vingar-se  
do adultério das machambas com a chuva  
que mesmo trabalhando  
nas minas da Xenofobia  
sempre voltava às festas  
para furtar suas esposas, as machambas,  
e espalhava a calúnia de ser estéril o Limpopo  
por não conseguir engravidar as machambas.

Não *phahlou* Mudungazi sobre esta gruta!  
Não *phahlaram* os meus filhos de Chibuto  
para lhes anuir a vitória sobre seus pés

como *phahlou* o povo de Nhambavale  
para que fosse lembrado  
uma vez que ainda está no Mapa de África.

A avó já não anda  
desde que partira a coluna da língua  
tentando advertir os netos, dos bandidos,  
e saqueadores da identidade.

Raparigas vestiram a nudez na minissaia  
o que nunca mais deu vontade  
aos nossos defuntos  
de abrir seus olhos.

Hoje fingem que não vêm  
as terras Moçambicanas  
sendo levadas em navios à Portugal, Índia e Brasil  
como os escravos.

Fingem que não vêm  
as línguas moçambicanas se extinguindo.

Fingem que não vêm  
a catástrofe dos seus descendentes

Fingem que tem a paz  
no tórumulo do desassossego

E não vêm a ignorância  
a *ganguisar* o verso da aculturação  
e da alienação  
só para não se desesperar  
ao verem a exposição do corpo das suas  
e me calam a voz da alma!  
Que rasgou o egrégio poema!

Mas há testemunhas  
que dizem ter me visto na hora do delito.  
Rasgando o poema das entranhas  
tirando a vida a este ser inocente,  
com um belo futuro pela frente,  
que dizem ter sido belo

mesmo tendo sido abortado prematuro  
já possuía no seu corpo,  
um mercado aglomerado por versos de calamidade,  
expostos ao preço de bananas,  
e fugindo à polícia municipal  
na rua da *Padaria Mukhokwene*.

Tinha estâncias fortes,  
longas e encaracoladas  
como os cabelos cuja dona ressuscitava exigindo restituição.

Tinha sido escrito  
na alma dum papel branco, doce, avarento,  
interesseiro e hipócrita  
como o sorriso das Freiras,

Dizem que tinha rima explosiva e fedorenta,  
dizem que tinha rima explosiva e fedorenta  
como os cajueiros da Mocita  
que reproduzem lixo.

Dizem que a rima explosiva e fedorenta,  
tinha uma índole nojenta e sangrenta  
como os promotores e bandidos  
da guerra dos dezasseis anos em Moçambique.  
E dizem ainda que era uma rima cruel  
como os tais bandidos  
que obrigavam as mães  
a esmagarem seus próprios filhos  
no pilão, a cozerem-nos  
e a comerem sua carne a ulterior.

Dizem que tinha uma estética humilde e sutil  
como a terra que mesmo sendo Rainha dos seres vivos,  
pisada e nela jogadas as fezes  
continua albergando a todos de forma gentil  
do frio e do sol.

Dizem que quando acariciados  
zumbiam à sua tez como as moscas  
ao redor do Miradouro  
e do Conselho Municipal.



- Odeio os poetas colonos!  
Odeio os poetas colonos!  
Que humilham o papel,  
quando o chicoteiam quatro vezes até caber no bolso.

Prefiro ser qualquer um,  
e não um mísero artista,  
que quando bate a porta  
dizem antes de o ver  
soltando os versos da boca  
como se diz a um mendigo  
*-Estamos cientes da vossa miséria  
mas há indisponibilidade de recursos financeiros em nossa casa  
uma vez que priorizamos  
projectos da educação e da cultura  
e não dispomos de recursos para a literatura!*  
He he he he (risos)...!  
Mesmo nos dias em que o artista  
só bate a porta para saber  
se o dono da casa ainda continua morto.

Também, odeio os que esquecem,  
que em África sou Deusa  
e estendem-se como répteis no meu percurso  
sem saber que esmago sem dó a qualquer réptil  
quando a cólera é exacerbada.

E por essas  
entre duas mil e doze outras razões  
Repito, e por essas entre duas mil e doze outras razões  
abortei a cria que não concebi  
quando rasguei o poema que não escrevi!

(In “Ao Encontro da Vida ou da Morte”, 2016, p.33.)

### **O VIOLINO DA SARA**

Cortaram os tendões do violino da Sara!

Artistas desta cidade são inoperantes

não trabalham, não comem, mas tocam e cantam,  
sobre a canção do violino da Sara

Sara, menina aprumada.  
Pai educado comprou violino.  
Pai zeloso matriculou a Sara na escola portuguesa.

Sara não faz unhas de gel pra tocar violino  
Sara não usa perfume *Carolina Herera*  
pra se juntar aos tocadores e aprender a tocar seu violino  
com gente que cheira ao perfume de marca suor.

Sara não penteia seus longos cabelos  
que inundam o pente e os móveis de antipatia  
pra sorrir com tocadores de violino, gente que cheira à pobreza.

Cortaram os tendões do violino da Sara!

Artistas são vira-latas  
não levam jeito gratuito  
nem comprado, pra nada.  
Não conhecem Drumond  
nem versos rasgados da Deusa d'África  
porque pai só recebe pra comprar arroz e óleo  
quando pode um *smarthone* e Go TV  
e não livros que causam tédio.

Mas tocam, violinos que não compram.

Arrastaram violino da Sara  
tocaram a noite inteira em Magoanine.

Vizinho intolerante tolerou as unhas do tocador.  
Vizinho intolerante tolerou a música da EDM  
na rua sem lua de Magoanine  
pelas unhas com sol de tocador.

Toca e toca o violino sem parar  
não há tarifa nem licença pra impedir o espetáculo do violino  
porque todos pagam a crescente tarifa da electricidade lunar  
para que o violino toque alumiando a cidade de medo.

Tocaram os tendões  
violino sangrou  
violino chorou  
violino gritou  
vizinho tentou acudir chamando a lei e ordem  
mas a lei e ordem não tem unhas pra tocar

as unhas não tem esmalte para se exibir em espetáculos  
telefones para chamar a manicura não tem saldo  
nem tinta na esferográfica pra anuir a saída do pessoal ao espetáculo  
e parar as ondas do violino que toca sem parar em Magoanine.

A cidade chorou pela canção adentro.  
Os tendões cansaram de tocar e arrebutaram.

Cortaram os tendões do violino da Sara!

Inédito (In Cães na Estrada e Poetas na Morgue, a ser publicado em breve)

### **LITERÁFRIKA: Conhece o Brasil? Tem alguma relação com o país?**

**Deusa D'África:** Ainda não tive a oportunidade de estar fisicamente no Brasil, porém, sendo um país irmão, tenho tido vários intercâmbios com alguns escritores e organizações, tais como, em maio de 2011 que recebi o prêmio Destaque Literário e também foi premiado meu primeiro livro em poesia “A Voz das Minhas Entranhas” e outro de contos “O Caniço Falante”. Em maio de 2012, recebi o prêmio como vencedora absoluta no Concurso Literário Internacional lançado em Brasil pela Editora Alpas XXI na modalidade de poesia, recebendo também o prêmio de destaque literário em diversos poemas e num conto. Fui antologada na “*Colectânea Veríssimos*” editada em 2012 por Alpas XXI e “*Mil Poemas para Gonçalves Dias*” em 2013. Em outubro de 2016 recebi destaques literários a contos, após a recepção em março do do prêmio como vencedora do segundo lugar em contos no Concurso Literário Internacional lançado em Brasil por Alpas XXI. Em 2017 trabalhei com a escritora Natália Borges Polesso no festival literário de Macau. Em julho de 2019 participei no Festival Internacional Poetas d’Alma em Maputo onde tive a oportunidade de trabalhar com alguns escritores brasileiros. Em outubro de 2019 participei no primeiro encontro realizado em África e em Moçambique, de *Poetas del Mundo* como *Embaixadora do Movimento para Gaza*, onde trabalhei com uma escritora brasileira. No dia 16 de julho do ano corrente participei duma *live* com o grupo de pesquisa sobre literatura moçambicana da UFPB liderado pelo Prof.Dr. Sávio Roberto Fonseca onde ministrei uma conferência sobre “Poesia e feminismo”.

### **LITERÁFRIKA: Conhece o Brasil? Tem alguma relação com o país?**

**Deusa D'África:** Xitende é uma associação cultural criada em Moçambique no ano de 1996, na província de Gaza, coordenado por escritores como Andes Chivangue e Dom Midó das Dores, actuava como um Núcleo Literário na Casa Velha, publicando os autores locais através da Revista que ostentava o mesmo nome, tendo sido eleito numa Assembleia Geral, o Dom Midó das Dores como Secretário-Geral e foi lançada a primeira revista tendo como editor, Andes Chivangue.

Em 2011, havendo necessidade de revitalizar Xitende decidimos transformar o núcleo literário numa agremiação cultural que albergasse diversas manifestações culturais existentes e que demandavam um espaço para divulgar o seu talento tendo como grupo-alvo jovens.

Através desde projecto da Associação Cultural Xitende coordenei até então: 4 Festivais Internacionais de Poesia, 1 Concerto de Poesia, 2 Festivais Internacionais de Letras e Artes em parceria com a Academia de Letras e Artes Luso – Suíça, 9 Lançamentos de livros nas Delegações distritais e em Maputo; uma marcha pela comemoração do dia mundial do livro, 23 Feiras de Livro, 91 Saraus culturais na sede (cidade de Xai-Xai), 4 Concursos de Poesia, 27 Palestras Escolares (no Instituto de Formação de Professores Eduardo Mondlane, Escola Secundária Joaquim Chissano, Universidade Pedagógica, Universidade Politécnica, Escola Secundária Marian Guabim e na Escola Secundária de Xai-Xai), 5 Semanas Literárias e 3 Oficinas de escrita. Igualmente, em Maio de 2020 a Associação Xitende lançou uma antologia poética em parceria com a Oleba Editores, designada “Fique em casa, amor!” com objectivo de usar a arte para difundir mensagens de esperança no tempo de confinamento social. Em Julho de 2020 a Associação Xitende lançou uma antologia de prosa em parceria com a Oleba Editores, designada “19 Cartas para Covid 19!” com 19 colaboradores, ainda no âmbito de confinamento social com a participação especial de três escritores da diáspora a citar António MR Martins e Eduardo Roseira, de Portugal, e Kanguimbu Ananaz, de Angola.

### **LITERÁFRIKA: Poderia deixar uma mensagem aos nossos alunos, que estão iniciando suas pesquisas e leituras de autores africanos?**

**Deusa D'África:** Porque África é o berço da humanidade há uma riqueza muito grande não só em recursos materiais, mas também na literatura, tem uma história muito vasta e na maioria ainda não escrita, que tem sobrevivido através da literatura oral, o desafio que vivemos é transformar a oratura numa literatura escrita. Quanto às pesquisas e leituras tenho a dizer que vale a pena desenvolver as pesquisas sobre a literatura africana que é um labirinto de encantos e quiçá corroborem no crescimento da mesma. Sobre a leitura, há que ler, pois, ler é uma inquietação que resulta da actividade de estiva onde os carregadores do futuro descarregam o saco de certezas e incertezas para confrontá-lo com o presente podendo empenhar-se para comprar um par de óculos que permitam virar as costas e caminhar para frente na certeza do amanhã ou virar para trás embora com incertezas buscar o calçado que possibilite caminhar sobre pedras e garrafas. Ler é o caminho para compreender a finalidade das coisas. Ler é viajar em vários quadrantes do mundo sem pagar pela passagem. Para tal, é caso para dizer bem-vindos à África.